

MISERICORDIA DE LISBOA 10 HORRE 1/2
DA NOITE DE 15 DE SETEMBRO DE 1890.
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

PARA ISTO NASCESTE, OH POVO!...

Appello aos bandidos

Vinde, nedios bretões! torcei-nos, esmagae-nos,
Achatae sob a pata os viridentes plainos
Onde o sol vivo aloura os cachos tumescentes!
Correi, fuivo tropel de bebados valentes!
O outomno é fresco e bello, é proxima a vindima.
Depressa! não temaes que nada vos reprima!
Apezar da molestia, a cepa ainda verte
Em jorros o licor, que espadana e fervilha;
Ao passo que nos sae do coração inerte
Não sei que dessorada e turbida aguadilha!
Podeis vir, podeis vir! é facil a conquista,
Não temaes que o nosso odio á morte vos exponha;
Não permittaes que o medo em vosso peito exista,
Porque em o nosso ha muito acabou-se a vergonha!
Vêde que Portugal não pode oppor um dique
A' chaga que suppura e o mundo inteiro infecta;
Vêde como offerece, infame proxeneta,
Ao lascivo John Bull Angola e Moçambique!
Vinde! que vos importa a trepida algazarra
Que dentro do cortiço ergue o enxame villão!
Escudae com dinheiro a sanguinosa garra,
Que na libra esterlina embota-se o ferrão!
Somos filhos do Sul, não receeis; que á mingua
De braço e coração, sobeja-nos a lingua!
E quando aos vossos pés pachydermaes calcardes
O solo que aviventa um rancho de cobardes,
Puchac-me lá de dentro as reimas do catharro,
E affogae-os sem dó n'um colossal escarro!

15 de Setembro de 1890.

Lusus.

À la lanterne!

Temos esperanza de que o parlamento não deixará passar a obra d'expolição que o sr. Hintze Ribeiro preparou c'o sr. Barjona, a beneficio das ambições coloniaes da Inglaterra, mas se por desgraça as côrtes sancionarem com o seu voto a derrocada medonha do tratado, nem por isso o rei deve dar-lhe curso, visto como todas as classes do paiz reclamam em contrario. Por mais que os jornalistas do governo (a quem individualmente o tratado repugna tanto, como a qualquer outro portuguez) se esfalfem em lhe buscar defeitos, e em mencionar as animadversões que elle provoca como outros tantos artificios d'oposição politica local, nenhuma boa fé desprevenida as cantatas d'aquellas mercenarias pennas captivam, e a asca publica sobe, entre mares de vingança intransigente, a ponto d'ameaçar de morte as instituições e os seus bersaglieri. O tempo em que Portugal governava os seus domínios do ultramar, por suggestões da legação britannica, parece prestes a sumir-se na voragem dos vilipendios historicos, e a gente nova substituindo no seu odio, Castella por Gran-Bretanha, aprende na lição asperrima dos factos, a preferir tudo a este estado de subserviencia secular em que o inglez abateu o orgulho da nação. E' natural que o sequestro tentado, inda nos venha a custar serios desgostos: mas o caminho está aberto, os primeiros passos já os demos, e seria ominoso tornar a crer na lealdade d'um paiz que ha duzentos annos não faz senão roubar-nos. Custe o que custar, é necessario que esse tratado de 20 d'agosto seja a ultima tentativa de bandoleirismo a que os nossos diplomatas se prestem, e que todos tenhamos tino para, vigiando os manejos dos partidos, podermos a todo o tempo dar-lhes força, ou chachinal-os quando entendamos que elles tergiversem das aspirações altivas da nação. A excessiva boa fé da multidão, a sua indifferença ignorante por questões que de mais perto a cingem, a sua atonia physica e moral, que a faz encolher os hombros a todas as baixezas confessas dos homens publicos, eis ali d'entre as causas de decadencia, as que verdadeiramente determinaram o estado de coisas que ora vemos: o poder nas mãos da pedanteria irresponsavel, todos os problemas vitales á mercê dos latrocinios dos *gros bonnets* da situação, a classe culta dormindo ou mofando longe dos focos onde a sua voz poderia valer como conselho ou como protesto, e por baixo, a massa avulsa, sem direcção, sem ideal, de braços crusados, á espera que lhe digam, paga! p'ra dagnar, e á espera que lhe digam foga!—pr'a fugir.

Assim pois, de balde n'uma grave traição como a que do tratado anglo-luso de 20 d'agosto ressumbra, vozes clamorosas invectivam o povo a que se vingue, e desça dos seus bairros lobregos á praça publica, onde o garrote dê caça aos miseraveis que o venderam. O povo não sabe tomar o grande expediente. N'um paiz como este, onde a lei não exige responsabilidades dos chefes, e em que o bastão do mando está prestes para o primeiro audacioso que o deseje, devia ser o povo o grande juiz dos seus governadores, a ponto de lhes decretar por si mesmo apoteoses e castigos, sem outro processo mais que a sua fiscalisação summaria e intransigente. A impunidade até agora havida para com os que nas alturas do governo se teem permitido toda a casta de corrupção e veniaga; a tolerancia com que nós assistimos todos aos actos mais indignos dos ministros, com que soffremos as consequencias dos seus desleixos, com que perdemos os desastres prevenientes da sua incapacidade, entram no computo geral da nossa ruina, com uma culpabilidade igual á d'aquelles funcionarios. N'outro paiz, o tratado de 20 d'agosto, pesado nas catastrophes insolvaveis que representa, explicado no ponto de vista da basofia estúpida dos que o negociaram, e acabado de visionar pela correspondencia diplomatica constante do Livro Branco, seria um d'estes crimes d'Estado, que soltando a colera publica dos seus diques, levaria á morte ou ao exilio qualquer dos seus estultos negociadores. O sr. Hintze Ribeiro que

subscrive um convenio cuja letra não comprehende, sendo forçado a pedir que lha expliquem nos seus detalhes, nove dias depois do convenio assignado; o sr. Barjona de Freitas que subjeita a nação que o envia a Londres, ao desaire de aguardar quatro horas na antecâmara de Salisbury, primeiro que o insolente inglez o queira receber—estes dois desgraçados que ora parece não terem tido consciencia da altura do seu posto, ora parece que ignoravam as noções mais elementares do problema que se propunham resolver-se em vez de portuguezes tivessem tido a desgraça de pertencer a outra nacionalidade, não haveria guardas que os livrassem a estas horas de ~~tar~~ os ossos n'um feiche, nem garantias, que lhes evitassem o desaire de serem postos na fronteira, a pontapés. N'es-

tas negociações não sabe a gente de que mais pasme, se da insolencia com que o sr. Hintze transformava em victorias, perante o parlamento inquieto, as humilhações inglezas que o sr. Barjona lhe ia participando pelo telegrapho, se da bonhomia com que o sr. Barjona, plenipotenciario d'um paiz livre, se prestava ao regimen de bilhetinhos e recadinhos do insolentissimo lord Salisbury, que—é ver o Livro Branco—só deu ao enviado portuguez a importancia d'um reles cavalariço.

Quanto ao povo, se ainda tem dentro do sangue alguma particula d'amor patrio, se presa, como nós queremos suppor, a dignidade da terra em que nasceu, não barafuste em balde pelas praças, nem perca tempo a esfolar os policias que encontre desarmados. E' uma energia perdida, e um desforço inda peor que caricato. Vise mais alto, desembeste a sua colera até mais fundo. Vá ter com os alquiladores da sua honra, entre nos palacios dos nababos que trouxeram o paiz até esta objecção, e increpe-os forte, tome-lhes contas da herança que elles dispersaram em orgias d'alcouce, e se essa canalha as não dêr, lance-a pela janella, ás pedras da calçada.

Tres Migueis de Vasconcellos, de rastros, por um barão de linho, n'uma hora de revindicta popular, eis uma magnifica receita para limpar o poder dos rufiões ignaros ou nefastos, e para apagar no Olympo politico as guerras dos deuses rivaes, quer elles usem casacas de ferro, quer tenham marrecas nas costas. E' natural que os pruridos de gerir uma pasta comecem a ser menos vivos, quando os estadistas tenham que resolver n'um circulo de carabinas visando-lhe o miolo. Em crismas de povos, não ha santos oleos como o sangue. O escarlata esthesia como um clarim soando ao assalto. Esthesia e depura, excepto na hora em que as balas desviadas do coração dos verdadeiros criminosos, feram de recochete, como antes de hontem na Esperança, o peito dos martyres innocentes. Não prositua pois o povo a colera santa que o esfuria, em carnificinas d'irmãos e camaradas. Olhe essa victima, e atrependa-se de não ter dado aos seus tiros um alvo inconfundivel, e mais alto. E' necessario castigar os que tem culpa. Mas só esses.

IRRAN.

Moda nova

N'este nobre torrão luso,
P'ra qualquer ser deputado,
Exigir-se estava em uso
Que o sujeito, embora obtuso,
Dizer soubesse—*apoiado!*

E' p'ra ser-se inteiramente
Pae da patria o mais perfeito,
Mandava a regra exigente
Saber dizer igualmente,
De quando em quand —*regeito!*

O tempo, que tudo ensina,
Ensinar veio entretanto
Ser rigor de disciplina
Essa exigencia supina
D'um sujeito saber tanto

E, na primeira audiencia
Da cam'ra que abriu agora,
Fez-se uma bella experiencia
D'um systema de excellencia
Que adoptar vão sem demora.

Quando Hintze, sereno e brando,
Lia o tratado—ou *tratado*—
De deputados um bando,
Contra a coisa protestando,
Ferrou grossa pateada.

Aó fallar o Serpa Pinto,
Vibrações houve nas almas,
E em todo o vasto recinto
Ouviu-se um rumor distincto
De varias salvas de palmas.

Quando o Navarro, se ergueu
A fallar as estopinhas,
Do delirio no apogeu,
A cam'ra toda lhe deu
Palminhas e mais palminhas.

Ficou pois a norma acceita
P'ra discussões e banzés:
Quanto a debates respeita,
Só se approva ou se regeita
Dando co'as mãos, ou co'os pés...

Por tal systema, que eu louvo,
—Muito simples, sobreundo—
Qualquer pode hoje de novo
Chegar a eleito do povo
Sendo embora surdo-mudo!

E, tal systema, arremata
Muito bem co'a discussão:
Assentam como uma nota
As palmas—pois que se trata
De questões de palmação...

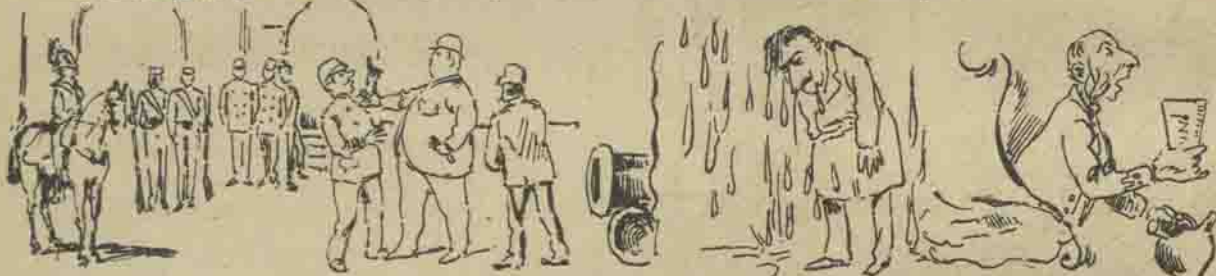
PAN-TARANTULA.



COMO SE HA DE ATRAVESSAR ESTE LAMEIRO?!...

A SESSÃO HISTÓRICA

Para entrar para a camara, os deputados da opposição precisavam primeiro que a policia os deixasse passar. N'este ponto o governo não andou habilmente. O que teria sido mais simples e mais sumario era prohibir a entrada aos deputados opposicionistas, concedendo-a apenas aos deputados *regeneradores* — excepção feita de Manuel d'Assumpção e Serpa Pinto. Se assim tivesse procedido o governo ainda seria agora governo, e o sr. Hintze ainda estaria a esta hora enviando telegrammas de felicitações ao sr. Barjona, pelas sabujices a que se prestou na ante-camara de lord Salisbury.



Emquanto na rua o governo procurava com a policia supprimir os deputados que o combatiam, dentro da camara empregava a estufa para desfazer e derreter os jornalistas adversos. Alguns collegas nossos, no decurso da sessão, tiveram de ser transportados em bilhas e em baldes para fóra da tribuna.

As galerias publicas foram, para o acto, transformadas em galerias privadas da policia secreta. Os deputados não fallaram «em face da camara e do paiz,» — mas sim «em face da camara e do governo civil.»



A sessão historica teve como preambulo algumas scenas de pugilato que o *Diario das Camaras* não consigna por falta de provas. Parece nos, pois, da maxima necessidade e urgencia que ao serviço de tachigraphia se aggregue um serviço de photographia instantanea, e que o *Diario das Camaras* passe a ser illustrado para que o paiz não tenha duvidas, nem sobre as *fallas*, nem sobre os *gestos* dos seus representantes.



Physionomias d'aquelles representantes que pediram a palavra para mostrar que sabiam collocar os interesses do paiz acima de quaesquer conveniencias da politica.

Um marquez de triste memoria tão bom achou o tratado e tanto applaudiu o sr. Hintze, que nem sabemos porque o governo o não nomeou immediatamente relator perpetuo de todas as ladroeiras inglezas. Ou então porque o não nomeou vice-barjona do governo portuguez junto de lord Salisbury? ..



18-9-90

A sessão historica, e bem historica, porque foi a primeira em que se fallou respeitosa e da patria, e se sentiu que ainda havia sangue portuguez nas veias d'alguns representantes do povo — foi considerada sessão tumultuosa e de chinfrineira por aquelles que partiram carteiras em nome das snas vaidades, das suas ambições e da sua basofia politica.

Ainda bem! Porque se os berradores do anno passado a tivessem achado boa, não lhe chamariamos agora sessão historica, mas sim — sessão pelintra! ..

O LIVRO BRANCO

os taes bilhetinhos, constituem um apontado de ridiculos e de baizezas que faz cair a cara no chão a todo o portuguez brioso!

Por que mãos tem andado a dignidade de Portugal!!»

Do Livro Branco, pag. 94, n.º 116.

O SR. BARJONA AO SR. HINTZE

Telegramma-Extracto

«Londres, 20 de maio de 1890.—Recebi o telegramma e farei o melhor que souber e poder. Ag. ideço muito, mas sobressalta-me a confiança do governo.»



Commentario do Dia ao despacho de 12 de agosto de 1890.

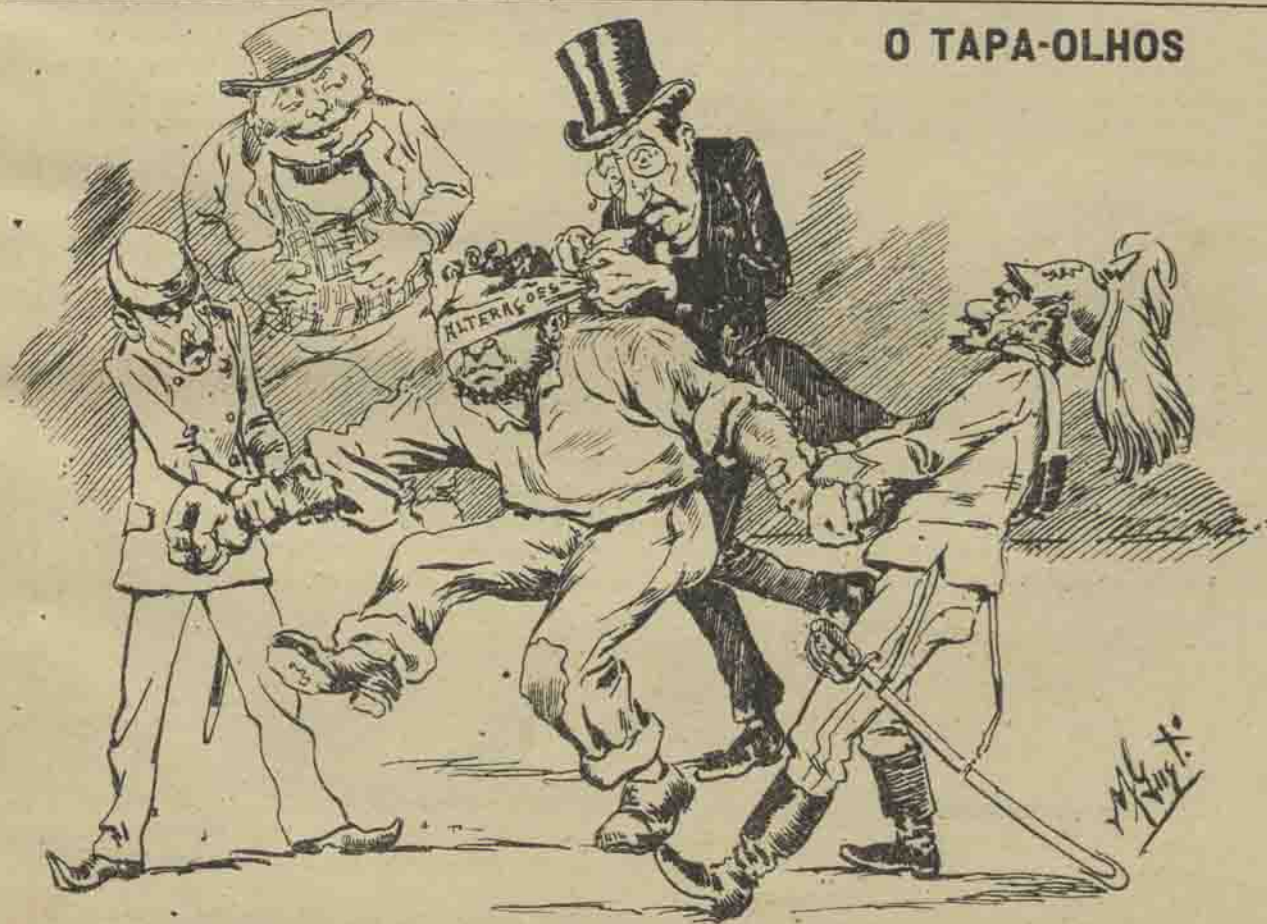
«Estas quatro horas passadas n'uma ante-camara do Foreign Office, estas negociações feitas por bilhetinhos trocados entre o gabinete de Salisbury e a sala de espera, esta necessidade de um traductor para

MANIFESTO !

Do Sabonete do Congo
Use todo o portuguez !
Guerra de morte ao pirata !
Guerra ao sabonete inglez !

Saboaria Victor Valssier, Paris.

O TAPA-OLHOS



Pois não te valeu a esperteza.

John Bull (ao fundo) O que se não faz em dia de Santa Maria faz-se ao outro dia.

A CARINHOSA

VRE UMA PESSOA TOMAR CAFÉ AO MARTINHO, E FUSILADO,
APESAR D'EMCOBERTO PELO NARIZ DO VALENTIM. TUDO
PARA NOSSO BEM E NOSSO SOCEGO



VRE UMA PESSOA PARA CASA COM A SENHORA-
ZAS PARA A ESQUADRA - PARA NOSSA
TRANQUILIDADE SÃO ORDENS



Verdadeira hydra que o povo paga para seu ensino.
Quem dá o pão leva o ensino.